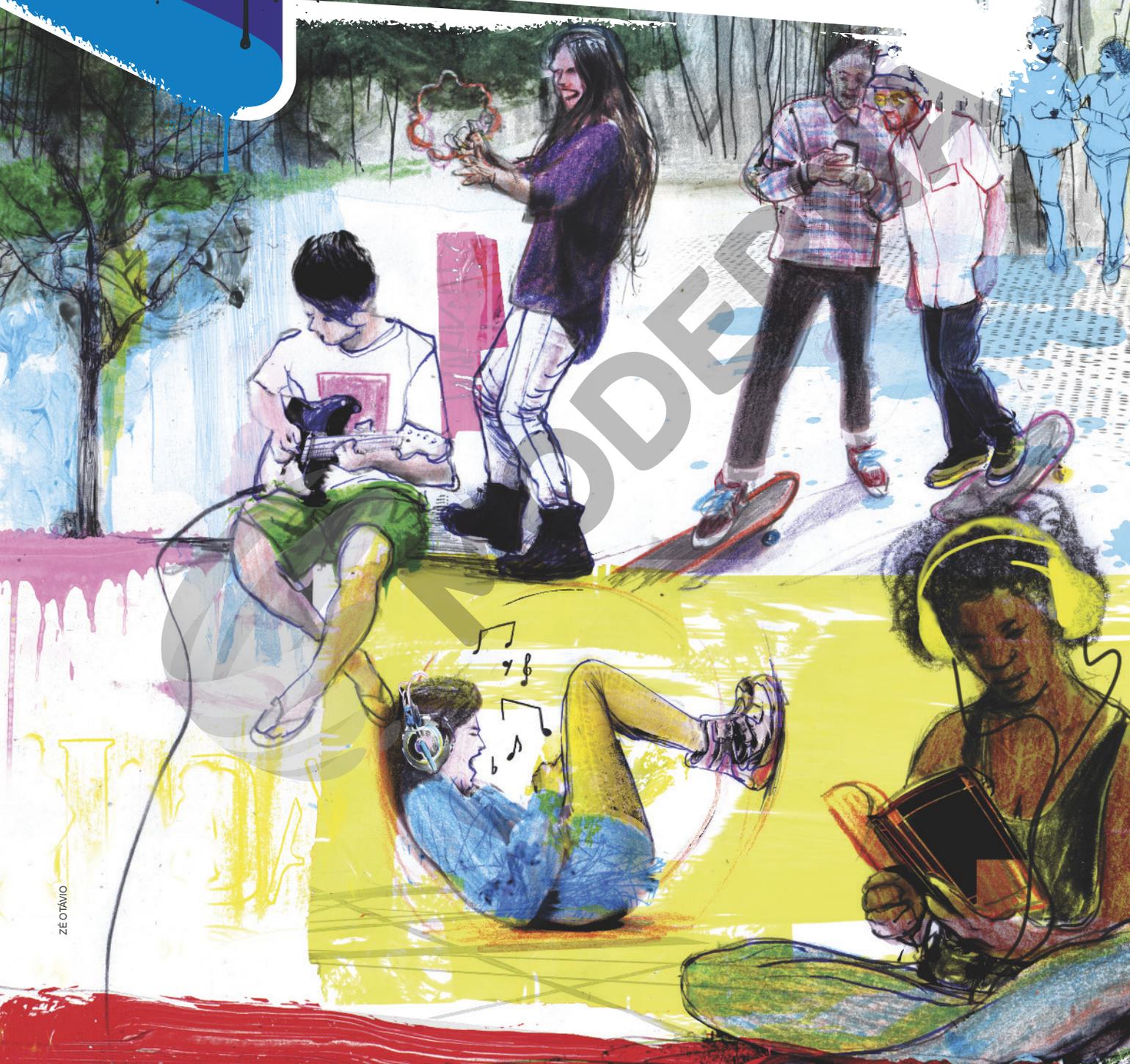


# SEMELHANÇAS QUE NOS APROXIMAM E DIFERENÇAS QUE NÃO NOS DISTANCIAM



ZÉ OTÁVIO



Na adolescência, passamos por muitas mudanças! Descobrimos gostos pessoais e começamos a entender um pouco melhor nossos sentimentos do que quando éramos crianças. Nessa fase, nos cercamos de pessoas que nos apoiam e nos entendem, muitas vezes por viverem os mesmos dilemas que nós. Com nosso grupo de amigos, buscamos novas experiências e assim vamos aprendendo como devemos agir e fazer escolhas. No entanto, esse processo nem sempre ocorre de maneira tranquila. Quantas vezes nos sentimos deslocados? Quantas vezes nos percebemos incompreendidos?

Muitos jovens se sentem rejeitados por causa de sua aparência, de sua personalidade, de seus gostos e de suas crenças. A sensação de rejeição pode causar muito desconforto emocional e afetar o desempenho nos estudos, no trabalho e até mesmo no relacionamento com a família e os amigos. Em algumas situações, jovens que não apresentam o comportamento padrão da maioria dos integrantes do grupo em que estão inseridos podem sofrer violência física e psicológica ao ser alvo de *bullying*, por exemplo.

- Você já se sentiu isolado ou rejeitado? Como isso aconteceu?
- Você considera importante fazer parte de um grupo? Por quê?
- Como construir um ambiente em que as diferenças sejam percebidas, respeitadas e protegidas por todos?



## Videotutorial

- Assista o videotutorial com orientações sobre este projeto.

## O QUÊ?

Este projeto consiste na preparação e na execução de uma **intervenção na escola**. A ideia é ocupar a escola durante um dia para debater e expor questões pertinentes à vida dos estudantes que partilham o espaço escolar, tendo como tema norteador a mediação de conflitos. Como há várias opções de atividades, pode-se **selecionar algumas delas** para serem realizadas com a orientação do professor e da diretoria, fazendo aquelas que melhor se adequam à realidade da escola.

## PARA QUÊ?

- Promover o diálogo, a aproximação, a aceitação e o convívio utilizando conhecimentos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e de Linguagens e suas Tecnologias.
- Contribuir para a ampliação do autoconhecimento e da capacidade de reconhecimento mútuo entre os jovens.
- Encorajar o estabelecimento de situações de diálogo com o diferente, de negociação de normas e acordos, criando um ambiente seguro e acolhedor para todos.

## POR QUÊ?

Todo jovem é igual? Certamente, não. A vida pode ser muito diferente para as pessoas que estão atravessando a adolescência e a juventude; entretanto, pode-se dizer que, de modo geral, adolescentes e jovens têm em comum questões pessoais e interpessoais, ou seja, consigo mesmos e com as pessoas com as quais convivem.

Isso ocorre porque na adolescência procuramos definir quem somos em um processo de identificação de características pessoais e, ao mesmo tempo, de reconhecimento de nossos pares, ou seja, daqueles que se parecem conosco. Entretanto, ao perceber nossos gostos, crenças, valores e desejos, também identificamos pessoas das quais não gostamos ou que não reconhecemos como semelhantes. Assim surgem os “outros”, aquelas pessoas que nos causam estranheza, incômodo ou medo.

O convívio com todos esses “outros” pode gerar conflitos e, em algumas circunstâncias, resultar em situações de *bullying*. Nesse contexto, a escola pode se tornar um campo de batalha entre diferentes grupos.

Vamos, então, desenvolver um projeto de mediação de conflitos sugerindo formas de estabelecer situações de diálogo com o diferente, de negociação de normas

e significados sobre a realidade e de criação de um ambiente seguro e acolhedor para todos. Assim, nessa trajetória de investigação e criação, você terá a oportunidade de ampliar o conhecimento que tem sobre si e de reconhecer-se nos outros jovens que o cercam.

Então, vai ser uma grande terapia em grupo? Não! Esse projeto une a aprendizagem de ferramentas de convívio para ser aplicadas na vida prática com informações e conteúdos que poderão ser utilizados em discussões profundas. Pretendemos, dessa forma, contribuir para melhorar sua vida cotidiana e aumentar seu repertório cultural, o que poderá ser útil também no vestibular, em concursos e na hora de argumentar em qualquer conversa.

E qual é a relação de tudo isso com a atividade final do projeto? Bom... você já pensou em quanto tempo passa dentro da escola? São muitas horas e dias repletos de desafios e experiências. Você acha que o ambiente da escola reflete a diversidade de pensamentos, saberes, vivências, gostos e desejos dos jovens que a frequentam ou tende a ser mais neutro e impessoal? Como promover o diálogo e a aceitação da diferença e incentivar a mediação dos conflitos se o ambiente escolar às vezes camufla a explosiva diversidade de formas de ser e viver dos estudantes?

Vamos ajudar a escola e a comunidade a conhecer e acolher seus jovens, e contribuir para o reconhecimento das diferenças pensando em estratégias de convívio respeitoso.

## COM O QUÊ?

Anote aí do que você vai precisar:

- acesso à internet para pesquisas;
- *smartphone* ou câmera filmadora;
- *datashow*, projetor de *slides* ou computador para exibição de imagens e/ou vídeos;
- materiais para a elaboração de painéis e desenhos, como papel sulfite, cartolina, papel *kraft*, fita-crepe, canetas coloridas, lápis, régua, transferidor e tintas.

## COMO?

Para a intervenção na escola acontecer, você e seus colegas criarão ferramentas de negociação e mediação de conflitos que favorecerão a empatia, o respeito e a colaboração entre todos os envolvidos. A maior parte desse processo será desenvolvida em quatro etapas, brevemente descritas a seguir.

## Etapa 1

O ponto de partida dessa jornada ocorrerá em um movimento de autoconhecimento que será apoiado por um questionário individual. Por meio desse questionário, você refletirá sobre sua experiência como jovem e, assim, identificará alguns conflitos relativos a sua realidade. No momento seguinte, haverá uma dinâmica para o compartilhamento voluntário dessas reflexões.

Ao final desta etapa, você elaborará uma meta pessoal voltada à redução de conflitos pessoais e interpessoais. Essa meta deverá ser representada por meio de um desenho ou de um texto que integrará a intervenção.

## Etapa 2

Na segunda etapa do projeto, a escala de análise se deslocará do individual para o coletivo: será o momento de confrontar as noções levantadas durante a primeira etapa com dados sobre os demais colegas da escola e sobre a juventude no Brasil. Para isso, você e sua equipe analisarão dados estatísticos oficiais e, com base na conclusão dessas análises, realizarão uma pesquisa quantitativa. As informações produzidas serão organizadas na forma de gráficos e expostas em painéis no dia da intervenção.

## Etapa 3

Nesta etapa vocês conversarão sobre as pessoas que são discriminadas, mas que têm os mesmos direitos ao respeito e à dignidade que as demais. Para isso, farão um levantamento de situações de conflito geradas por preconceito e discriminação no contexto da escola. Em seguida, criarão momentos de diálogo entre os grupos.

O produto desta etapa serão gravações de depoimentos de alunos sobre qualquer situação de conflito ocorrida no interior da escola. Os depoimentos, em vídeo ou áudio, integrarão a intervenção.

## Etapa 4

Em uma assembleia estudantil, você e seus colegas retomarão a pergunta apresentada na abertura deste projeto: “Como construir um ambiente em que as diferenças sejam percebidas, respeitadas e protegidas por todos?”. Nesse momento, os conhecimentos construídos nas outras etapas deverão ser mobilizados para o entendimento e o enfrentamento dos problemas que afetam os jovens da escola.

Nesta etapa, será construído um acordo coletivo de enfrentamento dos conflitos, o qual será apresentado à comunidade no dia da intervenção.

---

Ao final das quatro etapas, as atividades de fechamento serão retomadas para a realização da intervenção na escola. Alguns detalhes da organização do evento serão apresentados no item “Produzindo”.

Em seguida, em dia previamente acordado, haverá um momento de avaliação individual e coletiva do projeto, em que todos terão oportunidade de manifestar suas impressões sobre o processo e os resultados obtidos.

**Bom trabalho!**

### Competências gerais da Educação Básica

**7.** Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

**9.** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos Direitos Humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

**10.** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

**1.** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

**(EM13CHS103)** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

**5.** Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

**(EM13CHS501)** Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

**(EM13CHS502)** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

**(EM13CHS503)** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

**6.** Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições, fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

**(EM13CHS605)** Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

### Competências específicas e habilidades de Linguagens e suas Tecnologias

**1.** Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

**(EM13LGG104)** Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

**2.** Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

**(EM13LGG204)** Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

**3.** Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

**(EM13LGG301)** Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

**(EM13LGG303)** Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

## DESCOBRINDO O JOVEM EM MIM

Esta etapa do projeto será centrada em uma questão fundamental da juventude: a formação da identidade. Para entender esse processo, vamos recorrer a estudos desenvolvidos em diferentes campos do conhecimento, como a filosofia, a psicologia e a sociologia.

### Nesta etapa, você vai

- Analisar e problematizar a noção de indivíduo por meio da compreensão do conceito de identidade.
- Identificar formas de preconceito e discriminação relacionadas às identidades construídas pelos jovens da escola.
- Ampliar o autoconhecimento e a descoberta das singularidades e dos conflitos individuais.

## A formação da identidade

A identidade é a compreensão de quem somos. Essa compreensão é construída ao longo da vida, mas especialmente durante a adolescência. No decorrer da infância, as crianças atribuem a si as características que lhes são evidenciadas pelos familiares – se a mãe diz ao filho que ele é inteligente, a qualidade *inteligência* é incorporada ao entendimento que a criança tem de si. Na adolescência, pouco a pouco, o jovem também passa a assimilar o que os amigos e as pessoas próximas demonstram pensar dele. Assim, o adolescente, geralmente, busca aceitação em um grupo de amigos que se somará à família como fonte de referências para a formação de sua identidade.

Ao mesmo tempo que se comparam a pessoas de sua faixa etária, os jovens tentam se igualar em comportamento, aparência e modo de pensar. Também se inspiram em pessoas populares de sua comunidade ou em celebridades que admiram. A formação da identidade ocorre, portanto, mediante a interação do indivíduo com as pessoas que o cercam. Por isso, pode-se dizer, de modo geral, que ela é um processo social.

De acordo com a sociologia, a identidade é incorporada. Isso quer dizer que ela está “ligada ao corpo”. Sendo assim, nosso modo de vestir, de nos mover ou de nos relacionar e até mesmo nossa aparência física (se somos baixos ou altos, magros ou gordos, atléticos ou franzinos) nos apresentamos ao mundo e espelham nossa identidade. A preocupação dos jovens com a aparência, com o modo de se vestir e com os atributos físicos tem a ver com essa relação essencial entre corpo e identidade.

É importante dizer que a identidade não é fixa; ela se transforma por meio das interações sociais que temos ao longo da vida. Isso quer dizer que mudamos nosso modo de agir e de pensar. Nesse processo de construção da identidade, identificamos as similaridades e as diferenças que existem entre as pessoas e passamos a nos aproximar geralmente daquelas que se assemelham a nós. No entanto, a aproximação com as pessoas com as quais temos afinidade não deve determinar a rejeição das que são diferentes de nós.

Charge de Will Tirando, 2011. Ao longo de toda a vida, referências externas e anseios pessoais contribuem simultaneamente para o processo de formação de nossa identidade. Da mesma forma, nossas atitudes e nossa aparência também podem influenciar aqueles que estão próximos a nós.



## O eu para a filosofia

Na modernidade, o filósofo René Descartes (1596-1650) acreditava que todo indivíduo é dotado de razão, ou seja, da capacidade de distinguir o verdadeiro do falso. A identificação da verdade, no entanto, só poderia ser realizada por meio de um ceticismo metodológico extremo, segundo o qual tudo se tornaria objeto de dúvida.

Descartes realizou um questionamento radical da realidade até concluir uma primeira verdade: o fato de que, ao contestar tudo o que via, ele pensava e, portanto, existia; assim, ao duvidar da realidade ao seu redor e pensar sobre ela, ele concluía a verdade de sua existência enquanto ser pensante.

Nesse sentido, segundo o filósofo, o *eu* é uma unidade dotada de consciência, é algo que pensa e sabe que pensa.

Leia os fragmentos da obra *Meditações metafísicas*, de René Descartes, transcritos a seguir.

“Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que nada jamais existiu de tudo quanto minha memória repleta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo.

[...] Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existiria? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardisso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há pois dúvida alguma de que sou, [...] não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que eu a enuncio ou que a concebo em meu espírito.”

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 78-79.

### OUTRAS FONTES

- **Portal da Juventude.**

Disponível em: <<https://juventude.gov.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2019. Portal vinculado à Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), com informações sobre os principais programas e políticas do governo federal voltados para a juventude.

- **Revista Viração.**

Disponível em: <<http://viracao.org/revista-viracao/>>. Acesso em: 13 nov. 2019. Revista com temas do universo juvenil e comprometida com a promoção e a defesa dos direitos de adolescentes e jovens.

## Eu e minha galera

O grupo é um sistema social formado por pessoas que têm interesses semelhantes e interagem regularmente. Ele se associa ao senso de coletividade, pressupondo a dissolução parcial do “eu” para a construção do “nós”. As similaridades de gostos, desejos, formas de pensar e agir das pessoas que formam um grupo criam uma identidade coletiva, um sentimento de pertencimento e de familiaridade.

Integramos diversos grupos ao longo da vida: a família, os círculos de amigos da escola, dos locais de culto, da vizinhança, entre outros. Nesses grupos moldamos nossa identidade e informamos aos outros quem somos. Além disso, podemos obter aprendizagens significativas e fazer parte de uma rede de apoio mútuo formada por pessoas que passam por situações semelhantes.

A formação de grupos, porém, pode gerar sentimentos de medo e insegurança, desencadeando ações de hostilidade e segregação. Isso ocorre quando membros de um grupo se conscientizam daqueles que são, em princípio, diferentes e não fazem parte de seu círculo de confiança e afinidade. Isso se manifesta, por exemplo, em situações de inimizade e violência entre torcedores de diferentes times de futebol.



Fãs da banda sul-coreana BTS aguardam *show* em São Paulo (SP). Foto de 2019. As práticas culturais relacionadas à música, à dança e aos esportes, em geral, expressam interesses comuns a muitos indivíduos e levam à formação de grupos.



Grupo de capoeiristas em Salvador (BA). Foto de 2019. O hábito de frequentar os mesmos espaços, partilhar uma origem ou interesses comuns são fatores que podem criar e reforçar laços identitários.

As situações de estranhamento e afastamento entre grupos ocorrem em vários momentos da história e em diferentes sociedades. Na avaliação de alguns estudiosos, elas colaboram para o desenvolvimento do preconceito e da discriminação. Veja a análise do sociólogo Zygmunt Bauman sobre esse assunto.

“Nossa sociedade tem um caráter cada vez mais **diaspórico**, e não admira que muitos habitantes das cidades se sintam apreensivos e ameaçados quando expostos não apenas a estranhos [...], mas estranhos de um novo tipo, nunca visto antes, e assim, presumivelmente, ‘não domesticados’ e ‘sem controle’, ameaças desconhecidas. A primeira reação emocional é refugiar-se [...] e trancar as portas; segue-se imediatamente a exigência de expulsar esses estranhos [...]. [...] o medo estimula as pessoas a recusar ou romper a comunicação com os aparentes portadores do perigo; e uma vez rompida a comunicação, cresce o espectro de ameaças, supostas ou imaginárias, o que, por sua vez, torna o rompimento da comunicação ainda mais **acintoso**, radical e, no final, absoluto. Na ausência de comunicação recíproca, há pouca chance de submeter a imaginação ao teste da prática – e quase nenhuma de desenvolver um *modus convivendi* satisfatório que permita que a variedade cultural da cidade, agora vista como um ônus, possa ser reclassificada como um recurso. [...]”.

BAUMAN, Z. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 94-95.

**Diaspórico:** dispersivo, que se desloca para outras áreas.

**Acintoso:** ostensivo, violento.

1. Explique por que a formação da identidade é um processo social.
2. Você considera a escola um ambiente acolhedor, onde as diferentes identidades são protegidas e respeitadas?
3. Você faz parte de algum grupo? Se fizer, quais são as características desse grupo? Quem são seus integrantes? Como você e os outros integrantes do grupo se sentem em relação às pessoas que não pertencem a ele?
4. Por que, em algumas situações, grupos se tornam rivais e praticam violência uns contra os outros?
5. Há grupos formados entre os jovens da escola em que você estuda? Se houver, eles são rivais ou cooperam entre si?
6. Releia e comente os trechos a seguir.

- a) “[...] O medo estimula as pessoas a recusar ou romper a comunicação com os aparentes portadores do perigo; e uma vez rompida a comunicação, cresce o espectro de ameaças, supostas ou imaginárias [...].”
- b) “Na ausência de comunicação recíproca, há pouca chance de submeter a imaginação ao teste da prática – e quase nenhuma de desenvolver um *modus convivendi* satisfatório que permita que a variedade cultural da cidade, agora vista como um ônus, possa ser reclassificada como um recurso.”

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzéo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 94-95.

7. Leia os textos a seguir e faça o que se pede.

“Uma edição do Pimp my Carroça consiste em um dia de intervenção pública, em um espaço central da cidade, onde são ofertados serviços estruturais e estéticos para as carroças utilizadas na coleta de resíduos sólidos, sendo eles: funilaria, borracharia, instalação de *kits* de segurança e pinturas de renomados grafiteiros, em paralelo a um vasto atendimento social de diferentes serviços (médicos, massagistas, cabeleireiros, psicólogos) aos catadores.

Os objetivos fins almejam melhores condições de trabalho e inclusão social desses agentes, que em sua maioria se encontram marginalizados, inclusive de reconhecimento enquanto prestadores de serviços coletivos vitais à saúde ambiental e social de nossas cidades.”

PIMP MY CARROÇA. Disponível em: <<http://pimpmycarroca.com/projetos/edicoes-do-pimp-my-carroca/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

“Há quatro anos, o produtor Marcelo Galático, conhecido no meio artístico, realizou seu sonho de criar a Liga do Funk, um projeto social que visa formar MCs e ajudá-los na carreira profissional: ‘os jovens sabem muito bem que a Liga não é uma produtora, somos um projeto que visa ajudar essa galera na carreira por meio da construção de valores, como a valorização de suas histórias de vida, a criação de um repertório político e social para debates e diálogos, além de aulas para aperfeiçoarem suas técnicas’, explica Laila Almeida, produtora cultural da Liga do Funk.

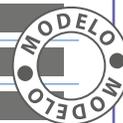
O papel da organização é fomentar essa juventude que sonha em viver do *funk*, profissionalizando seu trabalho.”

NEVES, Pedro. A arte do gueto e os “traficantes” de informações. *Viração*, ano 13, n. 110, p. 25, jan./jun. 2016.

- a) As iniciativas citadas nos textos acima foram colocadas em prática por grupos de grafiteiros e funkeiros. Como as pessoas que integram esses grupos são vistas pela sociedade, segundo sua percepção?
- b) O que as iniciativas acima têm em comum?
- c) Você conhece grupos que tenham uma atuação semelhante aos citados nos textos?

1. Reflita sobre os conflitos, as dúvidas e os desejos que se manifestam em sua experiência como jovem respondendo ao questionário a seguir. Ele é pessoal, ou seja, você não precisa compartilhar o que descobrir se não se sentir confortável. De todo modo, responda-o com honestidade.

	Sempre	Quase sempre	Raramente	Nunca
Estou satisfeito(a) com meu corpo e minha aparência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Meus/minhas amigo(a)s me apoiam nos momentos difíceis.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Minha família me compreende e me ama do jeito que sou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que a escola é um lugar seguro e agradável.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compreendo bem meus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que sou diferente e que isso não é bom.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conheço bem meus gostos e preferências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sei o que quero para meu futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou alvo de piadas e ofensas, e isso me magoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes faço coisas para impressionar meus colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eu me sinto solitário(a) e ignorado(a) pelas pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto raiva de meus colegas da escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que sou capaz de aprender.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho interesse por pessoas diferentes de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



2. Se se sentir confortável, compartilhe com os colegas o diagnóstico que você realizou ao responder ao questionário. Nesse momento, todos devem participar sem julgar as respostas dos colegas. O compartilhamento será feito por meio de uma dinâmica. Você e seus colegas devem se reunir em um espaço aberto que seja grande o suficiente para que as pessoas se movimentem e formem uma roda. Uma pessoa escolhida pela turma (o professor, por exemplo) vai ler em voz alta a primeira frase da lista abaixo. Os alunos que se identificarem com a frase deverão se direcionar para o centro da roda. Em seguida, será lida a segunda frase, repetindo-se o mesmo procedimento até a última frase. A ideia é perceber que as questões que o preocupam podem afligir os colegas também. Ao final da dinâmica, aproxime-se de pessoas que passam por problemas semelhantes aos seus e converse com elas. Abra-se para novas amizades!

Frases para a dinâmica:

- a) Às vezes me sinto triste e insatisfeito com minha vida e minha aparência.
  - b) Tenho dificuldades para me relacionar com a minha família ou com os colegas da escola.
  - c) Eu me sinto confuso sobre o que penso, quero e sinto.
  - d) Gostaria que as pessoas me aceitassem como sou.
  - e) Gostaria de me relacionar melhor com as pessoas da escola.
3. Após a execução das atividades anteriores, reúna-se com alguns colegas para conversar sobre o que sentiram e perceberam durante esta etapa. Vocês podem conversar sobre as questões a seguir.
    - Somos muito diferentes uns dos outros?
    - Percebi que algumas pessoas passam por situações semelhantes às que me afligem?
    - Como posso agir para apoiar colegas que enfrentam problemas pessoais e interpessoais?

Ao final, em uma folha de papel, escreva uma meta pessoal relacionada aos assuntos discutidos, por exemplo: “Quero aprender a gostar de mim como sou”. Nessa folha, faça uma composição expressiva de sua meta utilizando desenhos ou colagem de imagens recortadas de revistas.

Em seguida, com seus colegas de grupo, crie um mural com todas as metas. Ele fará parte da intervenção na escola realizada ao final do projeto.

Se quiser, poste sua meta em sua rede social preferida. Compartilhar será um incentivo a mais para que você a alcance.

## MAPEANDO OS TERRITÓRIOS DA JUVENTUDE

O Brasil é um país imenso e populoso que apresenta grande diversidade socio-cultural. Essa diversidade se manifesta nos modos de vida dos jovens. Por isso, para compreender esse universo, vamos mapear os territórios onde a juventude se encontra. O mapeamento não será cartográfico. Funcionará como um panorama dos espaços sociais, culturais e de poder dos jovens.

### Nesta etapa, você vai

- Conhecer algumas características sociodemográficas dos jovens no Brasil.
- Produzir dados sobre o perfil dos jovens de sua comunidade por meio de pesquisa quantitativa.
- Elaborar hipóteses e argumentos sobre as condições de vida dos jovens no Brasil, principalmente em sua comunidade.
- Analisar e apresentar dados sociodemográficos relacionando o contexto da juventude local ao contexto nacional.

### Os jovens na população brasileira

Para estudar a juventude da escola em que você estuda, será usada uma abordagem quantitativa. Isso quer dizer que você e seus colegas produzirão informações numéricas sobre o público da escola.

As pesquisas quantitativas mobilizam um rol variado de informações estatísticas para solucionar um problema de pesquisa, ou seja, para responder a uma questão. Geralmente, os pesquisadores formulam, além da questão a ser respondida, uma hipótese sobre a resposta. Isso quer dizer que a pergunta que norteia a pesquisa tem, já no início, uma resposta provisória que será confirmada ou refutada com a análise dos dados.

Vale ressaltar que os resultados desse tipo de pesquisa nem sempre são generalizáveis. Por exemplo, o refeitório de uma escola pode oferecer uma ótima refeição todos os dias, mas se uma pesquisa sobre a satisfação dos usuários for aplicada em um dia em que a comida não estiver boa, os usuários poderão se sentir inclinados a responder aos questionários de forma negativa, desconsiderando as experiências anteriores.

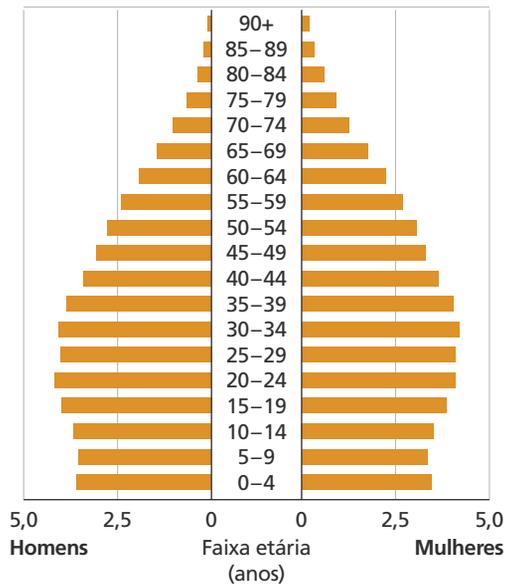
A abrangência territorial também é relevante e deve ser o mais diversificada possível. Por exemplo, se você for à porta de uma churrascaria pesquisar opiniões sobre alimentação vegetariana, talvez obtenha um resultado que se distancie da média das opiniões a respeito desse assunto.

De todo modo, como você poderá experimentar, essa é uma metodologia confiável e muito utilizada em vários campos de estudo. Para começar, leia e explore as informações a seguir. Elas oferecem um panorama da juventude no Brasil, o que o ajudará a contextualizar o estudo sobre os jovens da escola em que você estuda.

Segundo dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 havia no Brasil 61.642.769 jovens na faixa etária dos 12 aos 29 anos. Esse número correspondia a 32,3% da população total. Desse total, tinham idade entre 13 e 17 anos 17.271.052 pessoas, que correspondiam a 9% da população total. Desse universo, 50,5% eram do sexo masculino e 49,5% eram do sexo feminino. Cerca de 82% viviam em cidades e 18% no campo.

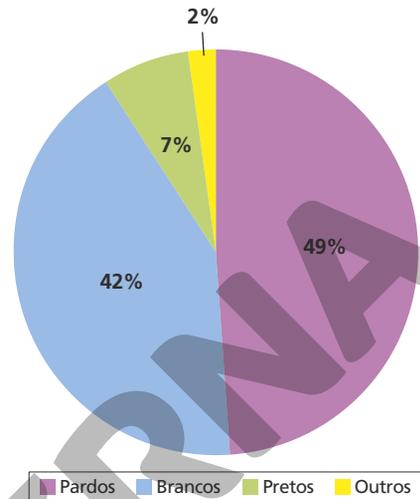
No mesmo ano, os jovens brasileiros de 13 a 17 anos de idade eram predominantemente afrodescendentes, perfazendo 56% do grupo (49% se declararam pardos e 7% se declararam pretos). Os que se declararam brancos representavam 42% do total. Ainda havia 0,5% de indígenas e 1% de amarelos.

**BRASIL: PIRÂMIDE ETÁRIA – 2018**



Fonte: IBGE. População. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

**BRASIL: POPULAÇÃO DE 13 A 17 ANOS DE IDADE, POR COR OU RAÇA – 2010**



Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Tabela 3175. População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

### Pesquisa e políticas públicas

Na sociedade brasileira, o jovem é considerado um indivíduo em formação, ou seja, apesar de ter deixado a infância, ele requer cuidados específicos e não dispõe de autonomia para responsabilizar-se por si mesmo. Nesse sentido, o Estado deve oferecer garantias mínimas aos indivíduos que integram essa população, como segurança e bem-estar, para que se desenvolvam plenamente. Por isso, instituições governamentais buscam levantar dados que ajudem a conhecer os jovens para orientar as políticas de atendimento dessa população.

## Investigando a população de jovens que frequentam a escola

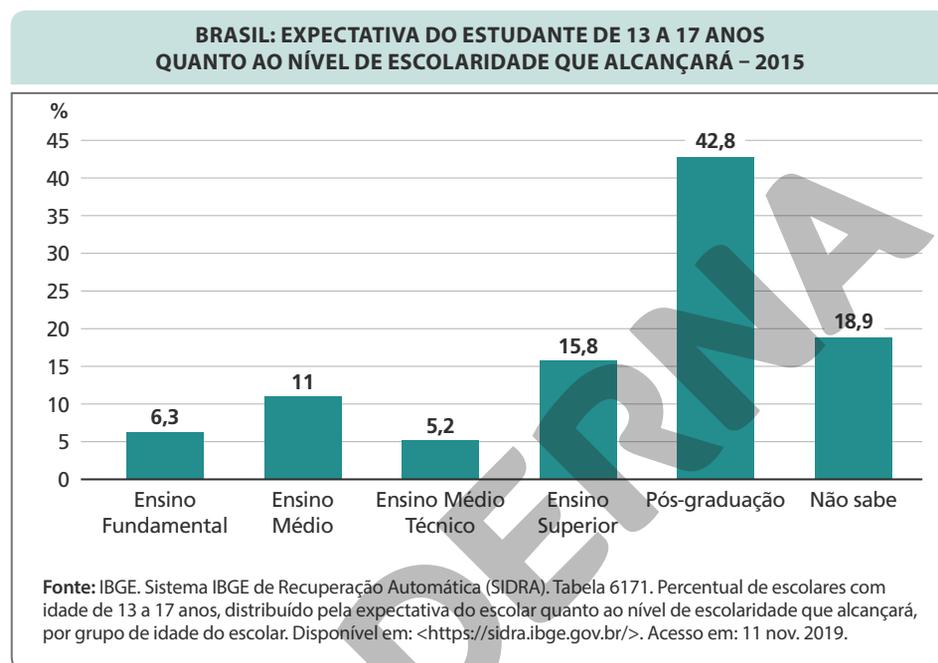
Um dos levantamentos de dados referentes às condições de vida dos jovens é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense), realizada pelo IBGE. A pesquisa abrange indivíduos na faixa etária dos 13 aos 17 anos que frequentam os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) e o Ensino Médio. Nessa investigação, procuram-se identificar fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes em um conjunto de escolas previamente definido. Os dados dessa amostra revelam que, apesar das garantias estabelecidas no ECA e no Estatuto da Juventude, os jovens no Brasil estão expostos a problemas sociais.

A pesquisa realizada em 2015 envolveu entrevistas com 13.199.862 jovens em todos os estados do Brasil e abordou aspectos relacionados à saúde física e emocional, aos hábitos alimentares, à prática de atividade física, ao tabagismo e ao consumo de álcool, além de questões relacionadas à autoimagem e à realidade socioeconômica, entre outros. A seguir, vamos estudar alguns dos resultados encontrados. Será que você vai se identificar com eles?

## Estudo, trabalho e acesso à internet

Em relação à vida escolar dos jovens, a análise revelou que os estudantes tinham alta expectativa em relação ao nível de educação que pretendiam alcançar: mais de 40% pensavam em estudar até a pós-graduação. No entanto, uma parcela significativa (18,9%) não apresentava expectativas definidas em relação aos estudos.

Desses jovens, 15,7% afirmaram realizar algum tipo de atividade remunerada, ou seja, trabalhavam durante algumas horas por dia; portanto, não se dedicavam completamente aos estudos.



Em relação ao acesso à internet, 98,3% dos estudantes da rede privada de ensino afirmaram ter acesso à internet em casa, enquanto na rede pública o percentual foi de 77,1%. Esse fato indica uma possível desigualdade de renda entre os estudantes da rede pública e os da rede privada.

LUCIANO CLAUDINO.CÓDIGO19/FUTURA PRESS



Evento de orientação profissional para adolescentes em Campinas (SP). Foto de 2019. No Brasil, a Constituição Federal proíbe o trabalho para crianças e jovens até 16 anos. A partir dos 14 anos, os jovens podem realizar atividades remuneradas na condição de aprendizes, desde que não haja prejuízo aos estudos.

ADILSON SECCO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## Relacionamento com familiares, colegas e amigos

Sobre o relacionamento com os familiares, 78,8% dos jovens disseram que os pais ou responsáveis tinham conhecimento sobre o que eles faziam no tempo livre. Entre as meninas, esse percentual era de 81,8%; já entre os meninos, era de 75,7%. Aparentemente, havia mais controle dos pais ou responsáveis sobre as meninas do que sobre os meninos.

Nesse âmbito, 66,9% dos entrevistados disseram que os pais ou responsáveis costumavam compreender seus problemas e preocupações, o que indica que muitas famílias preservavam a comunicação e procuravam se inteirar dos sentimentos e da rotina dos jovens. No entanto, havia um percentual significativo de jovens que se sentiam incompreendidos e não comunicavam aos pais ou responsáveis as atividades que realizavam no dia a dia.

No relacionamento com outros alunos da escola, 38% dos estudantes disseram que às vezes se sentiam humilhados pelas provocações de colegas. Seis por cento dos jovens afirmaram se sentir humilhados durante a maior parte do tempo.

Quando perguntados sobre a causa das humilhações, os jovens apontaram a aparência do corpo (15,9%) como a principal, seguida da aparência do rosto (9,5%) e da cor e da raça (6%).

Os jovens demonstraram que questões relacionadas à imagem corporal tinha especial importância. Verificou-se que 85,5% das meninas consideravam a imagem corporal um aspecto muito importante de sua vida. Entre os meninos, esse índice era de 82,4%. Nesse quesito, 25,5% das meninas disseram estar insatisfeitas com o corpo. Apenas 12,6% dos meninos mencionaram esse tipo de insatisfação.

Com relação à sexualidade, 43,9% dos jovens entre 13 e 17 anos afirmaram ter iniciado a vida sexual. Entre as meninas, esse percentual era de 31,1%. A maior parte dos jovens que afirmaram ter iniciado a vida sexual disse ter usado algum método para evitar a gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis – 65,1% do total.

Além de todos os desafios e problemas que os jovens podem enfrentar, muitos precisam lidar com a solidão e com a falta de amigos. Entre os que responderam à pesquisa em 2015, 9% afirmaram não ter amigos próximos e 31,1% disseram sentir-se sozinhos.

### OUTRAS FONTES

#### • *Vista minha pele.*

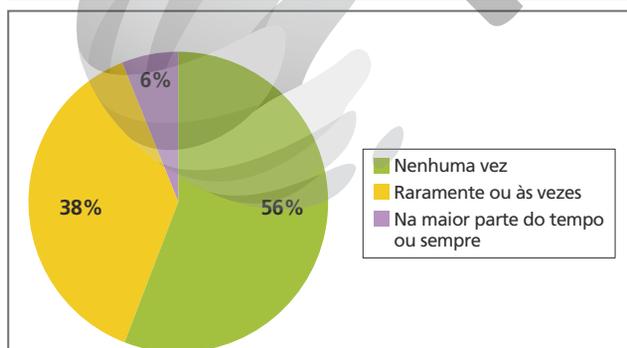
Direção: Joel Zito Araújo.

Produção: Brasil, 2008.

Duração: 27 min.

Questões étnico-raciais são abordadas nesse curta-metragem por meio da exploração de uma situação fictícia inusitada: a existência de uma sociedade dominada por negros em que os brancos sofrem discriminação.

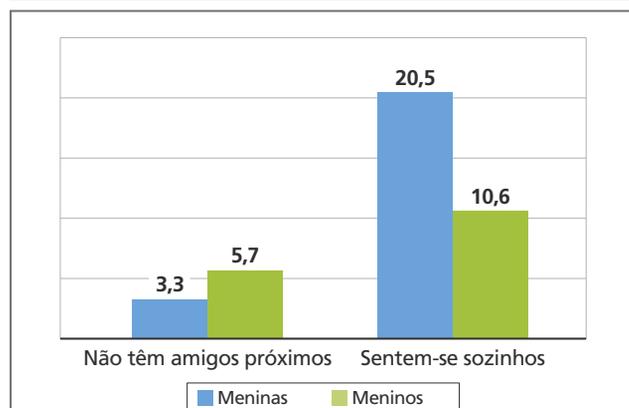
**BRASIL: PERCENTUAL DE ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS QUE SE SENTIRAM HUMILHADOS PELAS PROVOCAÇÕES DE COLEGAS DE ESCOLA\* – 2015**



\* Nos 30 dias anteriores à pesquisa.

Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Tabela 6220. Percentual de escolares com idade de 13 a 17 anos, distribuído pela frequência com que se sentiram humilhados pelas provocações de colegas da escola nos 30 dias anteriores à pesquisa, por sexo e grupo de idade do escolar. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

**BRASIL: PERCENTUAL DE ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS QUE AFIRMAM NÃO TER AMIGOS PRÓXIMOS OU SENTIR-SE SOZINHOS NA MAIOR PARTE DO TEMPO – 2015**



Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Tabela 6267. Percentual de escolares com idade de 13 a 17 anos que se sentiram sozinhos na maioria das vezes ou sempre, nos 12 meses anteriores à pesquisa, por sexo, dependência administrativa da escola e grupo de idade do escolar. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

- **Eu não quero voltar sozinho.** Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Brasil, 2010. Duração: 17 min. Esse curta-metragem trata do desenvolvimento da orientação sexual de um adolescente e dos conflitos que esse processo envolve.
- **Pro dia nascer feliz.** Direção: João Jardim. Produção: Brasil, 2006. Duração: 88 min. Esse documentário retrata situações reais de diferentes escolas brasileiras, mostrando pontos de semelhança e diferença entre jovens de classes sociais e regiões distintas.

Filmes com classificação indicativa livre.

## Segurança

Entre os jovens entrevistados, 13,1% afirmaram ter faltado à escola por falta de segurança no trajeto que percorriam. Além disso, 10,1% dos alunos deixaram de ir à escola por falta de segurança no interior da instituição em que estudavam. Os jovens também relataram conflitos: 28,7% dos meninos disseram ter se envolvido em alguma briga e/ou luta física no último ano; entre as meninas, o índice foi de 14%.

## Afazeres domésticos

Os jovens de 14 e 29 anos, entrevistados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE em 2017, informaram participar ativamente dos afazeres domésticos e do cuidado com pessoas. Conforme a tabela revela, a média do tempo dedicado a essas atividades foi maior entre as mulheres do que entre os homens em todas as regiões do Brasil. Com base na média informada, percebe-se que as mulheres de 14 a 29 anos dedicavam cerca de 9% de seu dia a atividades domésticas.

Brasil: proporção de horas diárias dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por jovens de 14 a 29 anos – 2017		
Brasil e Grandes Regiões	Sexo	
	Masculino (%)	Feminino (%)
Brasil	3,8	9
Norte	3,8	9
Nordeste	3,5	9,8
Sudeste	3,8	8,7
Sul	4,3	8,9
Centro-Oeste	3,8	8,2

Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Tabela 6728. Indicador 5.4.1 – Proporção de horas diárias dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por sexo e grupo de idade. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

## Jovens que não frequentam a escola

Os dados da Pense se referem aos jovens que frequentavam a escola na época da pesquisa. No entanto, segundo o Censo Demográfico, havia em 2010 um grande contingente de jovens que não frequentava a escola. Veja a tabela a seguir.

Brasil: população de 10 a 17 anos de idade que não frequenta a escola – 2010			
Sexo	Grupo de idade		
	10 a 13 anos	14 ou 15 anos	16 ou 17 anos
Masculino (%)	3,3	7,5	20,8
Feminino (%)	2,6	7,3	20,5

Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Tabela 3904. Pessoas de 10 a 17 anos de idade que não frequentavam escola; Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 10 a 17 anos de idade, por grupos de idade e sexo. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Os dados revelam que um quinto das pessoas entre 16 e 17 anos não frequentava a escola, índice consideravelmente maior do que o das que tinham entre 10 e 13 anos. Muitos desses jovens ingressaram precocemente no mercado de trabalho. Outros desistiram de estudar por achar a escola pouco significativa ou por apresentarem dificuldades de aprendizagem não tratadas adequadamente pela equipe escolar.

1. Em 2015, cerca de 23% dos jovens estudantes da rede pública não tinham acesso à internet em casa. Como esse fato pode interferir na aquisição de conhecimento? Levante hipóteses a respeito disso. Em seguida, sugira as ações que o Estado poderia desenvolver para resolver essa situação.
2. Alguns jovens informaram não comunicar aos familiares o que fazem no tempo livre. Em contrapartida, acham que seus pais não compreendem seus problemas e preocupações. Sobre esse assunto, responda às questões.
  - a) Esses dois fatos podem estar relacionados?
  - b) Como o distanciamento dos pais ou responsáveis pode afetar os jovens?
  - c) Você se sente compreendido por seus pais ou responsáveis? Eles têm conhecimento de sua rotina diária?
3. Aproximadamente 44% dos jovens entrevistados em 2015 disseram ter se sentido humilhados por colegas da escola (38%, às vezes; 6%, sempre). Eles também informaram que a aparência do corpo e do rosto são as principais causas das humilhações. Sobre esse tema, responda às questões.
  - a) Você já se sentiu humilhado na escola por causa de sua aparência?
  - b) Há jovens que sofrem humilhações constantes por parte de outros colegas. Você acha que esse fato pode interferir no equilíbrio emocional e nos estudos?
  - c) Em sua opinião, como os integrantes da comunidade escolar devem proceder para evitar situações como essa? Como você e os outros estudantes podem contribuir para que isso deixe de acontecer?
4. Há situações de violência na escola em que você estuda ou no entorno dela que prejudicam o andamento das atividades pedagógicas? Caso existam, explique como afetam o cotidiano dos estudantes e a aprendizagem.
5. De modo geral, o Estado tem garantido o bem-estar da população jovem de maneira satisfatória? Por quê?
6. Você acha que os jovens podem agir positivamente para que suas condições de vida melhorem? Por quê? Caso responda “sim”, explique de que maneira isso pode ocorrer.

## FECHAMENTO DA ETAPA

Registre no caderno.

Reúna-se com três ou quatro colegas para realizar uma pesquisa.

1. Tendo como referência as informações apresentadas no texto desta etapa, discutam os tópicos a seguir pensando na realidade dos jovens que frequentam a escola em que vocês estudam. A ideia é contrastar as informações do texto com as percepções do grupo a respeito destes tópicos:
  - sentimento de humilhação causado por provocações relacionadas à aparência do corpo e do rosto;
  - insatisfação com a própria imagem corporal;
  - sentimento de solidão e falta de amigos;
  - situações de violência e falta de segurança ocorridas na escola e/ou no entorno dela.

Durante essa discussão, procurem identificar o tema que mais atrai o interesse do grupo. Quando o tema for identificado – por exemplo, “insatisfação com a própria imagem corporal” –, criem uma pergunta relacionada a ele que possa nortear sua pesquisa. Essa pergunta deve ser objetiva e sintética, como: “Os jovens da escola se sentem insatisfeitos com a própria imagem corporal?”. Em seguida, elaborem uma resposta provisória a essa pergunta, por exemplo: “A maior parte dos alunos da escola se sente insatisfeita com sua imagem corporal”. Essa resposta será a hipótese de trabalho.

2. Retomem o tema, a pergunta e a hipótese de trabalho para pensar nas questões que podem ser incluídas em um questionário.

Para facilitar o estudo dos dados, é interessante que o questionário seja composto de poucas perguntas com opções de resposta predefinidas. As questões devem ser claras, com enunciados curtos, e precisam ter relação direta com o tema. No caso do tema “insatisfação com a própria imagem corporal”, por exemplo, vocês podem perguntar:

- a) Você se sente insatisfeito(a) com a sua imagem corporal?  
 Sim.  Não.
- b) Você acha que as imagens divulgadas na mídia e nas redes sociais contribuem para as pessoas se sentirem mal com sua aparência?  
 Sim.  Não.
- c) Você já se sentiu rejeitado(a) por causa da sua aparência?  
 Sim.  Não.
- d) Você já demonstrou incômodo em relação a uma pessoa pelo seu modo de vestir ou por sua aparência física?  
 Sim.  Não.
- e) Das características a seguir, quais você acha que causam maior rejeição entre as pessoas? Assinale quantas quiser.
- Corpo muito magro.  
 Corpo obeso.  
 Aparência do rosto.  
 Cor da pele.  
 Roupas que não estão na moda.  
 Tipo de cabelo/penteado.  
 Estatura alta ou baixa.  
 Deficiências físicas.  
 Outras.

No momento de elaborar as questões e as afirmativas, procurem usar palavras simples e frases diretas, e fiquem atentos à ambiguidade nas proposições. O tempo de aplicação do questionário não deve ultrapassar cinco minutos, pois se os questionários forem longos poderão ser respondidos sem atenção ou abandonados pelos pesquisados.

Pode ser conveniente incluir dados sobre o perfil do entrevistado, como idade e sexo, já que algumas informações podem variar entre homens e mulheres e nas diferentes faixas etárias, suscitando novas questões. Por exemplo, se vocês descobrirem que as meninas apresentam um grau maior de insatisfação com o corpo, poderão expandir a pesquisa verificando em outras fontes (como livros, jornais, revistas e publicações científicas) se há informações que ajudem a problematizar a diferença encontrada entre meninos e meninas. No entanto, fiquem atentos para evitar conclusões precipitadas. Todas as afirmações precisam ser embasadas nos dados numéricos encontrados ou em outras fontes de pesquisa.

3. Após formular as questões, verifiquem se elas ajudam a abordar o tema de forma adequada. Os resultados obtidos devem confirmar ou refutar a hipótese, mas também é importante que forneçam informações suficientes para aumentar a compreensão do grupo a respeito do assunto.

Por fim, como teste, apliquem o questionário a três pessoas que não pertencem ao grupo. Nesse momento, verifiquem se as perguntas estão claras ou se é necessário fazer algum ajuste.

Definam com ajuda do professor o público-alvo e a amostra, isto é, quantas pessoas responderão ao questionário e de que universo elas serão (definido com base em algumas características comuns). Quanto mais pessoas responderem ao questionário, mais confiável será o resultado da pesquisa.



Existem fórmulas para determinar a amostra considerando o tamanho da população e o nível de confiança pretendido. Segundo esses cálculos, em uma escola com duzentos alunos, seria necessário definir uma amostra de 91 entrevistados para obter uma pesquisa com nível de confiança de 80% e uma margem de erro de 5%. Isso significa que, nesse exemplo, se a pesquisa fosse repetida cem vezes, em 80% das vezes seria obtido um resultado dentro da margem de erro, isto é, com variação de 5% para mais ou para menos.

Caso prefiram, vocês podem utilizar ferramentas *on-line* para o cálculo da amostra ou hospedar o questionário em plataformas virtuais.

Quando forem abordar os entrevistados, sejam educados e esclareçam brevemente o motivo da pesquisa. Informem que a participação será voluntária e que os dados pessoais serão mantidos em sigilo, ou seja, não serão identificados os entrevistados.

4. Façam o tratamento das informações levantadas. Para isso, organizem os dados em tabelas e transformem os números absolutos em porcentagens. Vejam um exemplo:

Questão 1 – Você se sente insatisfeito(a) com seu corpo?	
Sim	40
Não	30
<b>Total</b>	<b>70</b>

Nesse caso, os números absolutos podem ser convertidos em relativos, sendo o valor “70” correspondente a 100%, já que ele corresponde ao total da amostra.

Organizem os dados das tabelas em forma de gráficos de colunas ou setores. Escolham os gráficos e tabelas que desejam apresentar como fechamento desta etapa e desenhem-nos em folhas de papel em tamanho suficiente para que sejam visualmente atrativos e tenham boa legibilidade. Lembrem-se de que eles serão expostos no dia da intervenção.

5. Retomem as hipóteses de pesquisa. Verifiquem se elas foram confirmadas ou refutadas pelos dados.

Pesquisem, com ajuda do professor, outras fontes de informação que os auxiliem na elaboração de explicações a respeito dos dados levantados.

Durante a análise e a elaboração de explicações sobre os dados, fiquem atentos a especulações; por exemplo, verificar que 80% das meninas estão insatisfeitas com sua imagem corporal não quer dizer que 80% das meninas estejam deprimidas ou sofram *bullying* por causa de sua aparência. Essa associação pode ocorrer, mas seria necessário haver um dado numérico para apoiar tal suposição. Além disso, é possível haver coincidência de dados entre variáveis de um fenômeno sem uma relação de causalidade; por exemplo, pode-se verificar que 80% das meninas insatisfeitas com a imagem corporal são magras, mas isso não quer dizer que a magreza seja a causa da insatisfação com a imagem corporal.

6. Organizem as informações produzidas em painéis provisórios. Cuidem para que sejam visíveis a distância, ou seja, com letras, gráficos e imagens em tamanho adequado. É importante que os painéis sejam atrativos e não contenham excesso de informações.

Para isso, planejem como as informações serão distribuídas no papel e façam um esboço que oriente a montagem. Componham, então, o painel final.

Apresentem os dados da pesquisa para os colegas de turma. Nesse momento, falem sobre o processo que gerou os resultados apresentados.

Preservem o painel até o dia da intervenção na escola. Ele fará parte da exposição.

## O DESAFIO DE CONVIVER COM OS "OUTROS"

Vimos nas etapas anteriores que somos indivíduos, mas nossa constituição ocorre de maneira socialmente mediada, isto é, é fortemente influenciada pelos grupos aos quais pertencemos.

Vimos também que, durante o processo de formação de grupos de socialização, tendemos a identificar aqueles que são diferentes de nós, os "outros". Nosso foco será voltado, a partir de agora, para esses "outros", que muitas vezes nos causam sentimentos de estranheza e rejeição.

### Nesta etapa, você vai

- Discutir e problematizar os conceitos de cidadão e de cultura.
- Identificar situações de conflito ocorridas no contexto escolar.
- Conhecer técnicas de aproximação, diálogo e negociação em situações de conflito.

## Eu e os outros: a vida em sociedade

Na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a questão do convívio entre diferentes pessoas e grupos sociais pode ser analisada de diferentes perspectivas. Por exemplo, podemos pensar nas relações de poder econômico e político, nos intercâmbios culturais, na relação que os grupos sociais estabelecem com o espaço onde vivem, e na construção das narrativas históricas elaboradas sobre sua trajetória.

Para esse projeto, considerando a necessidade de pensarmos sobre a questão da mediação de conflitos, vamos estudar duas dessas perspectivas: a das relações de poder, que envolvem indivíduos, grupos e instituições políticas, e a dos intercâmbios culturais, que, assim como as relações de poder, também se manifestam de maneira individual e coletiva.



...MATEMÁTICA,  
GEOGRAFIA,  
HISTÓRIA...



...NADA SOBRE  
RESPEITO, POLÍTICA,  
ÉTICA, CIDADANIA...



*Armandinho*, charge de Alexandre Beck, 2015. Armandinho lamenta que alguns assuntos que considera importantes não sejam discutidos na escola que frequenta. Você concorda com ele? Os temas mencionados por ele no último quadrinho podem ser relacionados a diferentes campos de conhecimento e afetam a forma como agimos em nosso cotidiano, nas relações interpessoais, em nosso posicionamento diante de instituições e, também, no mundo do trabalho.

## Eu, cidadão

O filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) se dedicou a investigações sobre a vida em sociedade, principalmente sobre as maneiras de garantir um convívio harmônico. De acordo com ele, os seres humanos seriam capazes de analisar a realidade de forma lógica e racional, mas também seriam afetados por emoções; por isso, poderiam tomar decisões movidos por medo, amor ou ódio.

Segundo esse pensador, as situações de conflito se estabeleceriam quando os indivíduos abandonam a racionalidade e agem de acordo com suas emoções, como o medo da morte, a necessidade de autopreservação e o apego ao poder.

Por esse motivo, conforme Hobbes, no denominado estado de natureza, as pessoas tenderiam a agir de modo egoísta, o que tornaria a sociedade uma arena de disputa de todos contra todos. Para ele, o estabelecimento de um poder central seria assim necessário a fim de que houvesse segurança. Dessa perspectiva, os cidadãos deveriam abrir mão da liberdade total e ceder o poder ao Estado, aceitando viver sob as regras deste em troca da manutenção da ordem.

O filósofo inglês John Locke (1632-1704) entendia que no estado de natureza o ser humano poderia dispor de qualquer meio na tentativa de salvaguardar a sua vida e seus bens, mas isso provocaria incerteza e insegurança. Assim, os sujeitos abririam mão da aparente liberdade do estado de natureza para estabelecer um contrato social, delegando parte de seu poder de decisão em benefício de poderes políticos exercidos pelo Estado e encontrando soluções para os conflitos por meio do consenso. Diferentemente de Hobbes, Locke previa a participação dos cidadãos nos processos de decisão e defendia a não interferência do Estado na vida particular, ou seja, na esfera privada.

O pensador suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) também abordou o tema da necessidade de formação de um corpo político. Para ele, ao conceber a hipótese do bom selvagem, as pessoas teriam uma tendência natural à vida solitária e independente, o que exigiria do ser humano esforços próprios para a sobrevivência e para a exploração dos recursos abundantes oferecidos pela natureza. Corrompendo essa condição solitária e de convívio harmonioso com a natureza, Rousseau apontava a vida em sociedade como fonte de prazeres narcísicos, uma vez que as pessoas teriam a necessidade de ser apreciadas e valorizadas pelas demais.

Nesse modelo de pensamento, a criação da propriedade seria o primeiro fator que corromperia a sociedade e lançaria seus indivíduos em competição permanente. Assim, em lugar do convívio harmônico, seriam estabelecidas relações sociais caracterizadas pela cobiça, pela vaidade e pelo interesse particular. Para Rousseau, a única maneira de romper com esse estado de coisas seria o estabelecimento de formas de participação política por meio das quais os cidadãos pudessem deliberar por si mesmos (isto é, sem representantes).

Os três pensadores compreendiam que os conflitos relativos à vida em sociedade não eram benéficos e precisavam ser controlados. A existência do Estado, ou seja, de um poder centralizado, se justificaria pela necessidade de controle de interesses divergentes. No entanto, Locke e Rousseau entendiam que a cessão de poderes do indivíduo não deveria ser total. Rousseau, particularmente, defendia a importância da participação de todos nos processos de decisão.

Hoje, entendemos o cidadão como um agente social que se submete a deveres estabelecidos pelo Estado em defesa do bem comum, tendo, porém, direitos que garantam sua existência de forma digna. Somos cidadãos, mas o exercício de nossos direitos e deveres precisa ser construído e incentivado. Muitas vezes tendemos a agir de forma individualista e a desprezar o bem comum em benefício de nossa satisfação pessoal; no entanto, como aponta a tradição do pensamento sobre os conflitos sociais iniciada pelos três pensadores apresentados, é preciso saber ceder, negociar, dialogar e estabelecer consensos a partir dos conflitos.



Caricaturas de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Os três pensadores refletiram sobre a existência dos conflitos pertinentes à vida em sociedade.

## Cultura: entre a tradição e a mudança

Quando se fala em cultura, algumas pessoas pensam em erudição, ou seja, em um conhecimento amplo e elevado que apenas indivíduos de inteligência privilegiada e estudiosos possuem. Há também quem pense na cultura como sinônimo de música, dança, artes plásticas etc. É provável, no entanto, que ninguém associe a palavra *cultura* a coisas do cotidiano, como uma peça de roupa ou o modo como cumprimentamos alguém que não conhecemos.

O fato é que uma peça de roupa e o modo de cumprimentar têm tanto a ver com a cultura como a música que ouvimos e dançamos e o conhecimento que temos do mundo. Isso porque a cultura é um grande conjunto de códigos e sentidos produzidos por um grupo social para dar significado aos fatos e organizar a existência de seus integrantes, tanto nos aspectos práticos (como cobrir o corpo para se proteger do calor, do frio ou do atrito com objetos) quanto nos aspectos ligados ao entendimento que temos sobre a vida, a morte, a família etc.

Assim, não existe “a cultura”, mas muitas culturas, que são criadas e transformadas por diferentes grupos sociais ao longo do tempo. Elas expressam crenças, valores, normas e significados construídos por aquele grupo e são transmitidas por meio da socialização, isto é, da comunicação e do convívio entre aqueles que o integram.

É importante ressaltar que, assim como não há apenas uma cultura, não há culturas certas ou erradas, melhores ou piores, mais ou menos desenvolvidas. Há apenas jeitos diferentes de suprir necessidades e entender o mundo e a vida.

Além disso, vale lembrar que as culturas se transformam o tempo todo. Isso acontece de forma espontânea, mas também de modo intencional: há hábitos e tradições que deixam de ter sentido e caem em desuso; outros são banidos ou incorporados por meio de ações dirigidas por grupos de poder, como o Estado.

As mudanças culturais também ocorrem porque diferentes culturas se encontram e se mesclam o tempo todo. Assim, não há cultura original ou pura; todas são resultado de encontros e desencontros entre as pessoas ao longo do tempo.



Ilustração representando diferentes modos de cumprimentar. Algumas culturas possuem modos próprios de cumprimentar, como a cultura japonesa.

BRUNO ROSAL

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## Quando o “eu” se transforma em “nós”

Na sociedade, há grupos culturais formados por indivíduos que adotam um conjunto de símbolos para caracterizar um estilo de vida diferente do considerado comum pelo grupo maior em que estão inseridos. Por exemplo, os grupos de *hip-hop* têm um modo de vestir próprio, linguagem característica e gosto musical e estético particular, mas no Brasil mantêm um vínculo com a cultura nacional. Alguns grupos são malvistas por parte da sociedade, pois contestam os valores vigentes, problematizam o que é visto como normal e buscam novas maneiras de ser e de viver.

Pertencer a grupos culturais faz sentido para muitos jovens porque isso soma outros valores e expressões à sua referência identitária primária, geralmente formada pela família, e os ajuda a caminhar rumo à individualização e à autonomia. No entanto, para se sentir inseridos em determinados grupos, os indivíduos podem ser conduzidos a comprar itens, como roupas e acessórios, e a frequentar determinados eventos. Isso quer dizer que o pertencimento a um grupo pode levar ao consumismo e ao estabelecimento de tensões com a família, sobretudo quando o jovem depende financeiramente dos pais e estes não lhe dão acesso a todos os itens de consumo que ele deseja.

Nesse processo, a mídia e as redes sociais exercem um importante papel ao exibir o estilo de vida das celebridades como modelos que devem ser seguidos pelos jovens. Assim, para enquadrar-se, o jovem passa a desejar a aparência, as roupas e o estilo e busca reproduzir atitudes das pessoas que admira e que são referência no grupo com o qual ele se identifica. Vamos conhecer dois exemplos?



EDSON GRANDISOLI/PULSAR IMAGENS

Artista grafitando muro em São Paulo (SP). Foto de 2017. Tendo o próprio espaço urbano como suporte, as pinturas do grafite, em geral, problematizam questões sociais e são entendidas como uma forma de expressão territorial dos artistas que os criam.

### Hip-hop

Iniciado nos Estados Unidos nos anos 1970, o *hip-hop* agrega diferentes expressões culturais: um estilo musical (o *rap*), a dança, inspirada no *break*, que tem origem nos encontros e confrontos entre jovens de bairros e grupos étnicos distintos de Nova York, e um tipo de arte, o grafite.

Bastante popular nas periferias de algumas cidades brasileiras desde os anos 1990, o *hip-hop* também se caracteriza pela denúncia das desigualdades sociais e busca maior representatividade para os jovens pobres na política, na arte e na intervenção sobre o espaço urbano por meio das festas de rua e do grafite.

### Geeks

Os *geeks* são pessoas que se interessam por tecnologia, *videogames*, séries de TV e filmes, muitas vezes de fantasia, de ficção científica ou de super-heróis. Os primeiros jovens a se identificar com esse estilo eram tratados como *nerds* de forma pejorativa; no entanto, no início dos anos 2000, com a ascensão da internet, os jovens que tinham mais conhecimento do mundo da tecnologia tornaram-se populares e passaram a ser chamados de *geeks*.

O movimento teve origem nos Estados Unidos e se disseminou por meio de filmes e séries que apresentam essa cultura ao mundo. Os *geeks* se caracterizam por demonstrar bastante conhecimento de temas de seu interesse e às vezes usam camisetas com estampas que evidenciam seus gostos, como as de personagens de filmes de super-heróis. Muitos *geeks* gostam de colecionar objetos como miniaturas e histórias em quadrinhos. Alguns praticam *role-playing game* (RPG).



Artista exibindo seu trabalho na 1ª PerifaCon, realizada na Fábrica de Cultura do Capão Redondo, em São Paulo (SP), 2019. O evento tem como objetivo levar para a periferia o universo *geek*, que historicamente é negligenciado nessas regiões.

ROBERTO VAZQUEZ/FUTURA PRESS

## Cultura e território

Em geografia, utiliza-se o termo *território* para identificar uma porção do espaço geográfico organizada por relações de poder específicas. Pode ser o território de um país, delimitado por fronteiras e regido por um Estado nacional. Já o conceito de *territorialidade* se refere ao domínio informal de uma porção do espaço realizado por grupos não estatais. Um exemplo são as áreas do território nacional controladas pelo crime organizado.

O geógrafo Milton Santos (1926-2001) afirma que ao longo da história das civilizações os grupos sociais foram organizando e delimitando espaços onde pudessem exercer seu poder e fazer valer sua cultura e identidade. Nos dias atuais, entretanto, os limites entre os territórios e as territorialidades estão mais porosos por causa do processo de globalização.

Ainda assim, há grupos que anseiam pela definição de seu espaço de poder, e os jovens se inserem nesse contexto, sobretudo quando grupos culturais entram em disputa pelo domínio territorial e simbólico do espaço. Nessas situações, cada grupo tenta fazer valer seu modo de viver, o que pode até resultar em lutas corporais. Um exemplo é a tensão entre diferentes grupos de pichadores que procuram dominar o espaço público com suas assinaturas.

Algumas manifestações podem colocá-los em conflito também com instâncias do poder público ou outros segmentos sociais, os quais, por sua vez, podem se dividir e assumir posturas contrárias. Uma situação ilustrativa é a de alguns skatistas da capital paulista, que, em momentos diferentes, enfrentaram conflitos pelo uso do espaço público com o governo, que procurava coibir suas ações.

Em 2017, por exemplo, a prefeitura de São Paulo cobriu com tinta cinza vários grafites espalhados pelos muros da cidade. Mais uma vez, a sociedade se dividiu: parte das pessoas viu a ação da prefeitura como uma tentativa de impor ordem ao espaço público; outra parte considerou a ação da prefeitura ofensiva aos artistas e ao espaço público.

Na foto superior, grafites na Avenida 23 de Maio, em São Paulo (SP). Foto de 14 de janeiro de 2017. Abaixo, o mesmo local, retratado em 24 de janeiro de 2017, após ação da prefeitura.



ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

## Cidadania, cultura e mediação de conflitos

Vimos que a cultura pode se manifestar de diversas formas, alterando-se ao longo do tempo, sendo construída e transformada sob a ação de diferentes grupos. Além disso, refletimos sobre a noção de cidadão e sobre o fato de que a vida em sociedade exige negociações, diálogo e acordos.

Os conflitos são inerentes a esse processo, já que diferentes hábitos, formas de pensar e de agir às vezes se contrapõem e geram tensões. De todo modo, se considerarmos o caráter mutável da sociedade e nossa capacidade de agir em defesa do bem comum, estabelecendo direitos e deveres a todos, poderemos construir canais de aproximação, contribuindo para a harmonia social por todos desejada.

### OUTRAS FONTES

- **Para início de conversa.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3qzcPcQjbMI>>. Acesso em: 15 nov. 2019. Palestra do TEDx Talks, com Carolina Nalon, sobre os princípios da comunicação não violenta.

### EXPLORE

Registre no caderno.

1. O que é cultura? Por que dizemos que a cultura não é fixa nem pura?
2. Leia os argumentos a seguir e depois responda às questões.

#### Argumento 1

“Pancadão é uma praga. É triste, mas é essa a realidade [...]. Fluxo desorganizado dura a noite inteira e a gente sabe que tem muita gente que precisa ir trabalhar, às vezes muitos ônibus são quebrados, os ônibus não param nos pontos porque os motoristas têm medo de parar perto do fluxo [...].”

#### Argumento 2

“A maioria dos organizadores são (*sic*) trabalhadores, produtores culturais, não são (*sic*) bandidos. Não é porque faz pancadão que é bandido. Quem faz é a população que não tem lugar para se divertir, leva o carro de som e começa a curtir um *funk*.”

STABILE, Arthur. *Ponte Jornalismo*, 11 jan. 2018. Disponível em: <<https://ponte.org/membros-do-pcc-para-doria-organizadores-de-bailes-funk-criticam-falta-de-dialogo/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

- a) Qual é a questão abordada nos argumentos 1 e 2?
  - b) Quais são as justificativas usadas para sustentar as duas posições apresentadas?
  - c) O problema mencionado nos argumentos pode ser compreendido como uma disputa territorial? Justifique.
  - d) Em sua opinião, de que maneira os interesses dos dois grupos poderiam ser conciliados?
3. Cite exemplos de grupos culturais relacionados ao universo jovem.
  4. De que maneira o pertencimento do jovem a um grupo cultural pode incentivar o consumismo? Dê exemplos de celebridades que influenciam o estilo de vida dos jovens que você conhece.
  5. Você acredita que os jovens possam sofrer preconceito por pertencer a determinado grupo cultural? Justifique sua resposta.
  6. Explique como os conceitos de cultura e de cidadania nos auxiliam a pensar nas questões do convívio e da mediação de conflitos.

## FECHAMENTO DA ETAPA

1. Junte-se aos colegas de turma para identificar situações de conflito no interior da escola.

Primeiramente, recortem quadrados de papel colorido em número suficiente para que cada aluno disponha de dez pedaços. Podem ser de qualquer cor, inclusive recortados de folhas de revistas. O importante é que todos os quadrados tenham o mesmo tamanho; por exemplo, 10 centímetros de cada lado.

Feito isso, organizem-se em dez equipes. Cada equipe vai confeccionar um cartaz com uma das afirmações a seguir.

- Presenciei situações de conflito entre alunos no último mês.
- Presenciei situações de conflito entre alunos neste ano.
- Presenciei situações de conflito entre alunos e professores neste mês.
- Presenciei situações de conflitos entre alunos e professores neste ano.
- Participei de algum tipo de conflito.
- Senti-me inseguro por causa dos conflitos que ocorreram na escola.
- Acho que os conflitos que ocorrem na escola poderiam ser evitados.
- Acho que os estudantes podem colaborar para que haja menos conflitos na escola.
- Acredito no diálogo como uma forma de resolução de conflitos.
- Estou disposto a mudar de atitude para melhorar o ambiente da escola.

Todos os cartazes devem ser fixados em uma parede da sala de aula. Em seguida, cada um de vocês deve pegar seus quadrados de papel colorido e colar um quadrado em cada cartaz que apresentar dizeres com os quais concorda.

2. Sob a orientação do professor, forme com os colegas um círculo no qual vocês possam conversar sobre o que perceberam na atividade 1. É importante que nesse círculo todos tenham a oportunidade de falar sem ser interrompidos. Para isso, escolham um objeto – pode ser um lápis, uma garrafa etc. Esse será o objeto de fala, que deverá ser passado para quem solicitar a vez de se manifestar. Quem estiver com ele em mãos, terá o direito de falar.

3. A escuta empática é parte fundamental do processo de mediação de conflitos. Essa ferramenta requer um aprendizado: oferecer a escuta sem propor soluções ou conselhos. Ela permite às pessoas envolvidas aproximar-se dos sentimentos e das necessidades manifestados por outras, aprimorando a habilidade de agir com empatia. Ao mesmo tempo, cria um espaço para que as pessoas falem sobre si e sobre os acontecimentos relacionados ao conflito, e mobilizem ferramentas de reflexão para elaborar o modo como se sentem e pensar em novas formas de agir.

A escuta empática será importante na produção descrita a seguir.

Reúna-se com alguns colegas e pensem em uma situação específica de conflito que tenha ocorrido no interior da escola. Em seguida, verifiquem se alguma das pessoas envolvidas gostaria de gravar um depoimento em vídeo sobre o que ocorreu.

Ao realizar a gravação do depoimento, estimulem a pessoa a falar sempre sobre ela mesma, e não sobre terceiros envolvidos. Oriente-a a não citar nomes e a se concentrar na forma como se sentiu ao longo do processo. O depoimento pode ser de alguém que praticou algum tipo de violência ou de agressão ou foi alvo dela. Informem a pessoa sobre o propósito da gravação e que o vídeo será exposto no dia da intervenção na escola. Caso a pessoa não queira se identificar, pensem na possibilidade de gravar apenas o áudio com o depoimento.

Algumas possibilidades de perguntas são:

- Pode contar o que aconteceu?
- O que você pensou no momento?
- Como você se sentiu no momento? E depois?
- Como sua família ou seus amigos reagiram ao acontecimento?
- O que é necessário para que as coisas fiquem bem novamente?

4. Formem novamente um círculo e, com o objeto de fala, compartilhem a experiência que tiveram ao ouvir pessoas envolvidas em conflitos. Tenham o cuidado de não expor as pessoas e de não julgar as atitudes tomadas no momento do conflito. Durante a conversa, discutam formas de reduzir situações de conflito no interior da escola.

## CONSTRUINDO O CONVÍVIO COM DIÁLOGO

Esta é a última etapa deste projeto. Nas etapas anteriores, você e seus colegas procuraram se conhecer e saber um pouco mais sobre como é ser jovem no Brasil, especialmente na escola em que estudam. Além disso, perceberam que os jovens podem estar expostos a situações de violência física e simbólica, o que pode atrapalhar seu pleno desenvolvimento social e emocional. Ao longo das reflexões realizadas, você identificou tensões existentes entre estudantes ou grupos de estudantes, algumas delas capazes de resultar em conflitos. A partir de agora, vamos tratar de algumas formas de lidar com essas situações.

### Nesta etapa, você vai

- Discutir as noções de preconceito, discriminação e violência.
- Conhecer a Declaração Universal dos Direitos Humanos e desenvolver formas de aplicar os princípios do documento ao seu contexto social.
- Elaborar mecanismos de participação e protagonismo juvenil por meio da realização de uma assembleia.

A percepção dos problemas que nos cercam muitas vezes causa sensação de impotência e, assim, delegamos sua solução para as autoridades. No âmbito da escola, esperamos pela ação dos professores e diretores. No âmbito social, temos a expectativa de que o governo resolva todas as questões. Professores, diretores e governantes têm seus deveres e obrigações em relação a esses problemas; no entanto, é importante que em um sistema democrático o maior número possível de pessoas opine e colabore para a construção de soluções.

Essas tentativas de diálogo parecem complexas, não é mesmo? Às vezes, temos a sensação de que elas não surtem o feito esperado e que seria mais eficiente identificar e punir os responsáveis pelos problemas. A história nos mostra, entretanto, que as punições apenas adiam os conflitos; elas criam uma pausa na tensão por isolar um de seus focos, mas não neutralizam a tensão nem geram entendimento. Por esse motivo, atualmente, organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), esforçam-se para estabelecer o diálogo e a negociação por meio do reconhecimento de direitos fundamentais e universais, como os direitos humanos.

Jovens participam de fórum da ONU para debater a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em ocasião da celebração do Dia dos Direitos Humanos. Nova York, Estados Unidos, 10 de dezembro de 2019. Os jovens têm voz e podem contribuir para encontrar soluções tanto para problemas locais quanto globais.



ESKINDER DEBEBE/UN PHOTO

## Nós versus eles: preconceito e violência

Nas etapas anteriores, vimos que a formação da identidade é um dos processos de desenvolvimento mais marcantes na vida dos jovens. É o momento de “saber quem sou”, mas também a hora de “saber quem não sou”.

Para estudar a percepção do “outro”, um dos principais instrumentos utilizados na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é o conceito de *alteridade*. Ele representa não somente a experiência de saber que há gente diferente de nós, mas também diz respeito às tensões da coexistência, mesmo com aqueles com os quais temos muitas afinidades.

A coexistência pode nos proporcionar momentos de estranhamento quando vemos algo que nos parece inédito ou que afronta nossos princípios e convicções. O estranhamento do outro algumas vezes se traduz em hostilidade, afastamento e julgamento negativo.

Às vezes, quando temos uma visão limitada e superficial daqueles que diferem de nós, iniciamos a reprodução de um estereótipo, isto é, passamos a julgar todas as pessoas que parecem pertencer àquele grupo com base no que acreditamos que elas sejam. Essas crenças superficiais criadas para compreender as outras pessoas são chamadas de preconceito.

O preconceito se funda na repetição de uma inverdade ou na divulgação de um conhecimento parcial sobre alguns membros de um grupo e posterior generalização a outras pessoas. Por exemplo, um estrangeiro, ao ser vítima de um golpe no Brasil, pode formular a seguinte crença: “brasileiros são desonestos”. Nesse contexto, outras pessoas podem perceber que também passaram por situações de golpe envolvendo brasileiros e, assim, a crença se dissemina e se fortalece. Embora os fatos possam ter ocorrido, a sentença “brasileiros são desonestos” cria a percepção enganosa de que se deve desconfiar de todos os brasileiros, considerados, então, inferiores a outros povos, supostamente honestos.

O preconceito se transforma em discriminação quando as crenças negativas em relação a um grupo se tornam atitudes negativas, muitas vezes tomadas para segregá-lo ou eliminá-lo. Entre as formas de discriminação que conhecemos estão a racial, que se projeta contra um grupo étnico, a homofobia, que se estabelece sobre a orientação sexual, a misoginia, praticada contra mulheres, e a xenofobia, que é a aversão a estrangeiros, pessoas que vêm de outros lugares.

A discriminação gera violência física e simbólica contra os grupos que são alvo dela. A violência simbólica não se manifesta por meio de agressões corporais; ela é mais sutil que a física e, por isso, mais difícil de ser percebida e combatida. Ocorre quando os alvos de discriminação são coagidos a abandonar seu modo de vida, o que inclui gestos e modos de vestir, falar e pensar. Esse tipo de violência pode até restringir o direito a certas formas de manifestação cultural e religiosa.

*Armandinho*, tirinha de Alexandre Beck, 2015. O respeito à alteridade é um importante princípio para o combate ao preconceito e às ações discriminatórias. Você já refletiu sobre o fato de que não há nenhum indivíduo plenamente igual a você? Isso revela que também somos diferentes daqueles com quem mais nos identificamos. Estar aberto a conhecer os outros e respeitá-los é, também, uma forma de buscarmos respeito às nossas características particulares.



No contexto escolar, a manifestação da discriminação também pode ocorrer por meio da violência simbólica ou física. A violência simbólica ocorre quando um grupo procura controlar ou reprimir a ação de outros. Por exemplo, um menino pode ser coagido por outros garotos a se portar de um modo que estes consideram adequado ao perfil masculino. Algumas formas de expressão, como o uso de *piercings* corporais, cabelos compridos ou saias curtas, podem ser proibidas em nome de determinados padrões de conduta. Entretanto, essas ações são consideradas violentas na medida em que tentam anular expressões da identidade.

O *bullying*, por sua vez, se apresenta como uma forma de violência por meio de agressões físicas e verbais constantes e intencionais, praticadas entre pessoas ou grupos. Nesse caso, os autores da agressão escolhem suas vítimas não somente por considerá-las diferentes, mas também inferiores e frágeis. A vítima, por sua vez, nem sempre tem recursos emocionais e ajuda de amigos para reagir às humilhações.

## Somos todos iguais?

As tensões pertinentes à alteridade não ocorrem apenas na escala interpessoal. A tentativa de eliminar, pacificar ou mesmo civilizar povos considerados inferiores ou ameaçadores já serviu como justificativa para diversos conflitos civis e internacionais. A colonização da América, da África e da Ásia, a perseguição a judeus, homossexuais, eslavos, ciganos e outros grupos durante a Segunda Guerra Mundial, as guerras separatistas ocorridas após o fim da União Soviética e, mais recentemente, a guerra ao “terrorismo” se valeram da narrativa do medo, da identificação dos diferentes ameaçadores e da promoção de sua aniquilação física e cultural.

Diante do genocídio do povo judeu na Segunda Guerra Mundial, ganhou expressão concreta a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da ONU em 1948. Ela foi elaborada na tentativa de garantir direitos básicos a todos os seres humanos que habitam a Terra – independentemente de raça, nacionalidade, religião, visão política, orientação sexual e classe social – e de reduzir situações de hostilidade e violência praticadas por diferentes grupos e nações.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos contém trinta artigos, nos quais são estabelecidos princípios simples para proteger as pessoas da violência, da exploração e da humilhação. Ela serve como referência no momento de elaboração das leis nacionais para todos os países que ratificaram seu texto, entre eles o Brasil. Além disso, serve de parâmetro para a resolução de conflitos internacionais e no tratamento de questões relativas a migração internacional, refúgio e asilo político, entre outras.

Monumento aos Judeus Mortos da Europa, projetado pelo arquiteto Peter Eisenman, localizado na cidade de Berlim, Alemanha. Foto de 2019.

O extenso conjunto de monolitos que o compõem constituem um local de meditação sobre o massacre e busca prestar um tributo aos milhões de vítimas discriminadas pelo governo nazista.

**Afigurar:** nesse caso, que se apresenta; que se forja.

A adoção e a observação dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e das leis nacionais que derivam dela é um compromisso ético do Estado e de cada cidadão, e isso inclui a vida escolar e a forma como tratamos uns aos outros.

Devemos cuidar para que nossas atitudes colaborem para o estabelecimento do bem, compreendido como um estado de conforto e de satisfação social. Isso pressupõe abertura para o outro, responsabilidade pelas gerações futuras e busca da equidade. Pressupõe, ainda, a compreensão de que, apesar das muitas diferenças que se **afigram** entre os povos e entre as pessoas de um grupo, somos humanos e devemos ter nossa vida e nossa individualidade preservadas. Ser ético significa, sobretudo, levar em consideração um provérbio conhecido há séculos: “não faça aos outros o que não quer que façam com você”.

## EXPLORE

Registre no caderno.

1. Como se formam os estereótipos e os preconceitos? Cite exemplos.
2. O que é discriminação? Você conhece pessoas que já foram vítimas de discriminação? Como isso ocorreu?
3. Como o preconceito e a discriminação podem estar associados à violência física e simbólica?
4. O que é *bullying*? Há situações de prática de *bullying* na escola em que você estuda?
5. Explique o que é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em que contexto histórico ela foi criada e sua principal finalidade.
6. Leia os fragmentos a seguir e faça o que se pede.

### Fragmentos 1 e 2

**“Tinha helicóptero atirando de cima’: professores acalmam alunos com música durante operação que matou 8 no Rio**

Operação policial com uso de helicóptero deixou oito mortos e três feridos, entre eles uma criança.”

CARNEIRO, Júlia Dias. *BBC Brasil*, 7 maio 2019.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48190478>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

“Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.”

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo XI, parágrafo 1º.

### Fragmentos 3 e 4

**“Com políticas sociais insuficientes, população de rua só cresce no país**

Estimativa é que o Brasil tenha mais de 400 mil pessoas vivendo em condições subumanas.”

COLLUCCI, Cláudia. *Folha de S.Paulo*, 8 jan. 2019.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2019/01/com-politicas-sociais-insuficientes-populacao-de-rua-so-cresce-no-pais.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

“Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.”

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo XXV.

- a) Explique a contradição existente entre os fragmentos 1 e 2 e os fragmentos 3 e 4.
  - b) Muitas pessoas argumentam que a Declaração Universal dos Direitos Humanos “só serve para defender bandido”. Você concorda com essa afirmação? Por quê?
  - c) De que maneira você pode usar os artigos XI e XXV para reivindicar melhorias para sua vida e para a comunidade de que faz parte?
7. O que é agir de forma ética? Como ter uma conduta ética em seu relacionamento com colegas da escola e na comunidade da qual faz parte?

1. Pode-se estabelecer um processo de diálogo e negociação na escola por meio da realização de assembleias estudantis, nas quais os alunos discutem os problemas que os atingem e suas possíveis soluções. As assembleias estudantis podem ser realizadas semanalmente ou em outra periodicidade que seja adequada ao cronograma da comunidade escolar. Nesta atividade, propomos um exercício desse processo. Assim, junte-se aos colegas e professores a fim de estabelecer um dia e um horário para que a assembleia ocorra.

É importante que a data e o horário contemplem todos os estudantes, ou a maior parte deles. Além disso, a duração não deve ultrapassar uma hora para que o foco da discussão não se perca.

Após combinar o dia e o horário de realização, afixem uma cartolina em um lugar ao qual todos tenham acesso. Nela será criada a pauta da assembleia. Todos os estudantes têm o direito de incluir na pauta os assuntos que querem discutir. Nesta proposta, os assuntos devem se relacionar ao tema do projeto, contribuindo para responder à questão apresentada na página de abertura do projeto: “Como construir um ambiente em que as diferenças sejam percebidas, respeitadas e protegidas por todos?”.

Na pauta devem constar problemas e situações reais do dia a dia de vocês, mas deve haver muito cuidado para que pessoas não sejam nomeadas. O importante é discutir atitudes e comportamentos e não expor colegas a situações vexatórias. A pauta também pode conter fatos positivos e boas atitudes que já estão sendo praticadas.

2. No dia da assembleia, todos os estudantes podem se sentar em círculo e escolher o coordenador, que terá a missão de organizar os momentos de fala. Vocês podem combinar que

quem quiser falar deve levantar uma das mãos em silêncio. Nesse momento, o coordenador anota o nome da pessoa em uma lista (que pode estar na lousa, visível a todos). Estabeleçam um tempo limite para que as pessoas falem, de modo que ninguém o ultrapasse.

Outro estudante deve assumir a função de redator da ata, anotando os assuntos levantados e os combinados realizados.

Lembrem-se de que na assembleia vocês não devem se comportar como integrantes de um tribunal nem pensar em punições. Devem se preocupar em estabelecer acordos que garantam o respeito mútuo.

3. Após a realização da assembleia, com ajuda dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias, realizem a leitura conjunta dos registros feitos pelo aluno que redigiu a ata. Transformem esse texto em um pequeno acordo de convivência. Ele pode ser redigido em formato de tópicos ou artigos, como na Declaração Universal dos Direitos Humanos. É importante que o texto seja simples e curto e que todos aceitem seus termos.

Elaborem duas versões do documento: uma para ser fixada na sala de aula e outra, em tamanho maior, para integrar a exposição que será realizada no dia da intervenção na escola.

Por fim, tenham em mente que uma assembleia estudantil não resolverá todos os problemas imediatamente. Ela é apenas uma etapa de um longo processo de mudança. Esse processo pode não ser linear, ou seja, pode haver avanços, retrocessos e momentos de conflito. Então, se possível, mantenham a estratégia das assembleias e façam um acompanhamento constante dos avanços alcançados e dos problemas ainda não solucionados.

## OUTRAS FONTES

- **O que são assembleias escolares?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g7ozqUqVKB0>>. Acesso em: 15 nov. 2019. O vídeo contém uma reportagem sobre a experiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Pavanatti Fávaro, da cidade de Campinas (SP), com as assembleias escolares.
- **A Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso em: 15 nov. 2019. Portal da ONU com informações sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e com acesso ao texto da declaração na íntegra.

# RETOMANDO AS ETAPAS

O projeto está quase chegando ao fim. Vamos retomar tudo o que você fez até agora?

## Etapa 1

Você analisou nesta etapa sua experiência como jovem buscando identificar seus conflitos internos, avaliar quais desses conflitos são comuns a outros colegas da escola e o modo como você se insere na comunidade. Além disso, discutiu as noções a seguir.

- *Identidade*, entendida como a percepção da própria singularidade, das características de cada indivíduo. É a compreensão de quem somos perante os demais.
- *Eu*, concebido na filosofia de René Descartes como uma unidade dotada da capacidade de pensar e de se reconhecer como ser pensante.
- *Grupo social*, uma associação de indivíduos que se reúnem e interagem mediante afinidades. Os grupos sociais são uma instância de socialização e disseminação da cultura.

Você e seus colegas finalizaram a etapa com a construção de um mural de metas, que fará parte da exposição no dia da intervenção na escola.

## Etapa 2

Nesta etapa, você se aproximou da realidade dos jovens do Brasil e procurou estabelecer comparações entre a realidade geral e a particular.

Você e seus colegas aprenderam a realizar um levantamento quantitativo para responder a uma pergunta e confirmar uma hipótese de trabalho, produzindo dados sobre a realidade dos jovens da escola. Em seguida, elaboraram painéis com os gráficos e os dados obtidos no levantamento quantitativo que serão expostos no dia da intervenção na escola.

## Etapa 3

Foram discutidos nesta etapa os desafios da vida em sociedade com base no estudo das noções de cidadão, cultura, território e territorialidade.

- *Cidadão* é o membro de uma sociedade reconhecido como igual em deveres e direitos perante o Estado e os demais cidadãos.
- *Cultura* é o conjunto de símbolos e sentidos construídos pelos grupos sociais para organizar e dar significado a fatos da vida.
- *Território* é uma porção delimitada do espaço geográfico sobre a qual há o controle de uma instituição de poder específica, como um Estado nacional.
- *Territorialidade* se refere a porções do espaço geográfico usadas ou controladas informalmente por um ou mais grupos não estatais.

Você e seus colegas treinaram algumas ferramentas de aproximação, diálogo e negociação que podem ser empregadas na mediação de conflitos. Também realizaram um experimento de escuta empática com pessoas envolvidas em conflitos no interior da escola. Os depoimentos gravados comporão a intervenção na escola.

## Etapa 4

Na última etapa, você e seus colegas exercitaram mais uma ferramenta de mediação de conflitos: a assembleia estudantil. Ao mesmo tempo, reconheceram diferentes formas de violência e discutiram noções como alteridade e preconceito com base nos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU).

Nesta etapa, com ajuda dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias, criaram um acordo de conduta coletivo dirigido à construção de um ambiente acolhedor das diferenças, que ficou registrado em duas versões: uma fixada em sala de aula e outra que será exposta no dia da intervenção.

## Uma intervenção na escola

Agora é hora de reunir todos os trabalhos em um evento: a intervenção na escola. Antes, porém, vamos definir essa intervenção. No âmbito da arte, as intervenções marcam a presença de um artista em um ambiente não convencional, ou seja, fora de museus, galerias etc. Em geral, são organizadas com o objetivo de transmitir determinada mensagem, ou seja, é uma arte que busca questionamento e transformação.

Nas artes plásticas, geralmente os artistas montam algum tipo de instalação sobre locais conhecidos com o intuito de chamar a atenção, como a intervenção *Hora da onça beber água*, realizada pelo artista brasileiro Eduardo Srur em 2014, quando ele instalou bonecos infláveis gigantes de onças-pintadas às margens do Rio Pinheiros, na capital de São Paulo, durante a crise hídrica que atingiu a cidade. Srur visava alertar as pessoas para a necessidade de recuperação da bacia hidrográfica desse rio e fazer com que refletissem sobre a importância de preservar a vida na natureza. Como os trabalhos desse brasileiro, essas propostas de intervenção artística têm por objetivo levar os espectadores a pensar sobre a arte, a relação desta com o espaço e a comunidade. Por isso, muitas vezes, as intervenções artísticas acabam gerando novos significados aos espaços ao mesmo tempo que procuram dar visibilidade a questões sociais.

Existem, contudo, outras formas de intervenção além da artística, como a ocupação temporária de espaços públicos para a promoção de rodas de conversa, debates, aulas livres, oficinas culturais etc. Essa ação pode ser caracterizada como um processo de apropriação temporária, realizada de forma coletiva, para rever os sentidos atribuídos a um espaço. É exatamente assim que se caracteriza este projeto de intervenção na escola. Nesta ocasião, você e seus colegas vão expor e debater questões pertinentes à vida das pessoas que partilham o espaço escolar, tendo como tema norteador a mediação de conflitos.

Na intervenção, vocês podem expor o que produziram ao longo das quatro etapas do projeto. Além disso, podem promover atividades variadas, como palestras, rodas de conversa, oficinas e apresentações artísticas.



*Hora da onça beber água*, intervenção urbana do artista plástico Eduardo Srur às margens do Rio Pinheiros em São Paulo (SP), 2014.

EDUARDO SRUR. FOTO: ALEXANDRE CAPPULSAR IMAGENS



Estudantes na Escola Estadual Fernão Dias Paes em São Paulo (SP) se reúnem para debater sobre a reorganização escolar feita pelo governo estadual. Foto de 2015.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

## Objetivo

Promover um evento de intervenção na escola que envolva a comunidade escolar em debates sobre a formação de identidades, a emergência e a mediação de conflitos. Esta ocasião também servirá para exposição dos resultados das etapas de trabalho anteriores: o mural de metas, o painel estatístico sobre a realidade dos jovens da escola, os depoimentos de pessoas que já se envolveram em conflitos e o acordo de conduta produzido na assembleia estudantil. Como há muitas opções de atividades, é possível selecionar algumas delas, realizando aquelas que melhor se adequam à realidade escolar.

## Procedimentos

- **Listagem das tarefas necessárias à realização da intervenção:** em conjunto com o professor, reúnam-se para listar as tarefas necessárias para a realização do evento. Certifiquem-se da necessidade de solicitar autorizações à direção, realizar convites a membros da comunidade escolar e identificar os itens que serão necessários para a realização de atividades e montagem da exposição dos trabalhos.
- **Definição de atividades opcionais e de pessoas que possam participar delas:** algumas atividades opcionais podem complementar a exposição dos produtos elaborados no fechamento de cada etapa. A seguir estão listadas algumas sugestões:
  - **palestra:** evento em que um especialista fala ao público sobre determinado tema. Talvez haja pessoas na comunidade escolar que tenham conhecimento sobre técnicas de mediação de conflitos e comunicação não violenta e queiram compartilhar o que sabem. Para a organização da palestra, vocês vão precisar de uma sala com cadeiras e equipamento audiovisual para o palestrante;
  - **roda de conversa:** momento para troca de experiências sobre determinado assunto. Pode ser mediada por alguém que tenha experiência no assunto, mas, diferentemente da palestra, há maior participação de todos. Garantam um espaço silencioso e confortável para as pessoas conversarem e estabeleçam o mediador previamente;
  - **oficina:** evento dinâmico de curta duração que pressupõe a participação ativa do visitante, que deve fazer algo concreto, como praticar princípios da comunicação não violenta. Na primeira parte, pode haver uma explicação curta e a apresentação dos materiais que serão utilizados. Na segunda, os organizadores da oficina devem propor exercícios para os participantes;
  - **apresentações artísticas:** momento em que vocês podem apresentar obras de música, dança e artes visuais. A ideia da intervenção é tomar a posse temporária e simbólica da escola; assim, apresentações artísticas são bem-vindas.
- **Definição dos responsáveis pelas tarefas e dos prazos para a execução:** para acompanhar as etapas da produção, montem no caderno um quadro como o proposto a seguir. Vocês devem indicar o nome dos responsáveis e o prazo para a execução de cada tarefa.

Tarefas	Responsáveis	Prazo de execução
Conferir com a direção da escola a data e o horário da realização da exposição e os ambientes da escola que poderão ser utilizados.		
Confirmar as pessoas que oferecerão palestras e oficinas e mediarão rodas de conversa.		
Verificar se há alunos interessados em realizar apresentações artísticas.		
Organizar tempo e espaço para a realização das apresentações artísticas.		



Planejar qual o tempo, o espaço e os recursos necessários para as palestras, rodas de conversa e oficinas.		
Definir os espaços da escola que serão utilizados para a exposição dos produtos elaborados nas etapas intermediárias do projeto.		
Estabelecer uma escala para os responsáveis pela apresentação dos trabalhos realizados nas etapas intermediárias.		
Criar um sistema de sinalização e de orientação para que os visitantes percorram todos os espaços da exposição.		
Divulgar o evento para a comunidade escolar e seus familiares.		
Verificar condições de conforto e acessibilidade das instalações que receberão visitantes.		
Decorar o ambiente ou garantir que ele esteja limpo e organizado.		
Criar e controlar um cronograma com o revezamento dos alunos para orientar e receber os visitantes.		
Supervisionar o cumprimento dos prazos.		



As tarefas listadas no quadro são sugestões. É importante que haja uma distribuição justa das tarefas, evitando que alguns de vocês fiquem sobrecarregados.

Discutam a possibilidade de criar um espaço para que os visitantes registrem suas opiniões ao saírem da exposição. Vocês podem também verificar a possibilidade de exibir um *making of* com fotos e depoimentos de todos os que realizaram o trabalho.

### Plano B

Esse projeto apresenta variadas possibilidades de atividades a serem realizadas no dia da intervenção na escola (palestras, rodas de conversa, apresentações artísticas, oficinas, entre outras). Mas vale o bom senso: todas são **opções de atividades**, ou seja, nem todas precisam ser realizadas. Busquem orientação com o professor e a diretoria da escola para decidirem quais atividades mais se encaixam dentro da realidade escolar: recursos disponíveis, agenda e espaço da escola, interesse da comunidade etc.

## APRESENTAÇÃO

1. Preparem os ambientes da escola para a realização das atividades e exponham os trabalhos em locais adequados, de modo a assegurar uma boa leitura e a circulação dos visitantes.
2. Certifiquem-se de que haja sempre um aluno nos locais onde estarão expostos os trabalhos realizados nas etapas intermediárias do projeto. Ele deverá estar preparado para dar esclarecimentos sobre os trabalhos e ajudar o visitante a compreender o contexto dessas produções.
3. Ao final da intervenção, tenham cuidado ao desmontar as exposições e certifiquem-se de que os equipamentos usados nas atividades foram devolvidos.

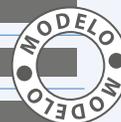
## Autoavaliação

Individualmente, considere os itens do quadro abaixo para avaliar sua aprendizagem e sua participação nas etapas do projeto e na realização da intervenção na escola.

Registre sua autoavaliação no caderno. Depois, analise suas respostas. Retome conceitos não aprendidos e discuta com o professor maneiras de aprimorar os pontos nos quais você assinalou as opções “mais ou menos” ou “não”.

ETAPA 1	Sim	Mais ou menos	Não
Problematizei a noção de indivíduo por meio da compreensão do conceito de identidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compartilhei reflexões e experiências com os colegas de forma sincera, interessando-me pelas questões que os afligem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adquiri conhecimento para identificar formas de preconceito e de discriminação relacionadas às identidades construídas pelos jovens da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As atividades contribuíram para ampliar meu autoconhecimento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ETAPA 2	Sim	Mais ou menos	Não
Levantei dados sobre o perfil dos jovens da comunidade em que vivo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compreendi as etapas de uma pesquisa quantitativa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendi a usar estratégias de pesquisa para levantar informações?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interpretei os dados levantados e representei-os graficamente com clareza para que fossem lidos e compreendidos por outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou capaz de analisar dados estatísticos relacionando o contexto da juventude local ao contexto nacional?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ETAPA 3	Sim	Mais ou menos	Não
Problematizei os conceitos de cidadão e cultura?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Identifiquei situações de conflito ocorridas no contexto escolar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escutei os colegas com empatia, sensibilizando-me com os sentimentos e as necessidades manifestados por eles?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou apto a aplicar estratégias de aproximação, diálogo e negociação em situações de conflito?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ETAPA 4	Sim	Mais ou menos	Não
Compreendi a distinção entre as noções de preconceito e de discriminação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reconheci diferentes formas de discriminação e de violência e suas consequências?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contribuí para a organização da assembleia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reconheço a assembleia como mecanismo de participação e de protagonismo juvenil?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PRODUZINDO	Sim	Mais ou menos	Não
Trabalhei com meus colegas, assumindo responsabilidades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realizei as tarefas com compromisso e dedicação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estive presente de forma ativa nas atividades realizadas durante a intervenção?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recebi de forma cordial e prestativa as pessoas que visitaram o evento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contribuí com sugestões e ideias ao longo do desenvolvimento dos trabalhos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## Avaliação do projeto

Junte-se a seus colegas de grupo e avaliem os trabalhos desenvolvidos e a intervenção realizada na escola. Para isso, discutam os itens do quadro a seguir. Registrem no caderno as respostas que deram a cada item.

Depois, socializem as respostas do grupo com os demais estudantes. Conversem sobre os pontos positivos do evento e sobre os aspectos que podem ser aperfeiçoados. Durante essa conversa, refiram-se a situações, e não a pessoas.

	Sim	Mais ou menos	Não
O mural de metas ficou bem visível e atrativo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os painéis da pesquisa quantitativa estavam corretos e com boa legibilidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A distribuição de textos, gráficos e imagens dos painéis da pesquisa quantitativa proporcionou um visual agradável e atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os depoimentos gravados na atividade de escuta empática ficaram com qualidade de áudio e linguagem adequadas para serem exibidos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O texto do acordo coletivo elaborado na assembleia estudantil estava compreensível?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O texto do acordo coletivo foi reproduzido em tamanho adequado para leitura dos visitantes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os trabalhos foram expostos de maneira atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O número de visitantes atendeu às expectativas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os trabalhos expostos causaram impacto nos visitantes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A exposição colaborou para que as pessoas mudassem seu ponto de vista sobre a juventude e os problemas que os jovens enfrentam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O projeto colaborou para que os estudantes se aproximassem e se compreendessem melhor?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que estou mais bem preparado para lidar com situações de violência e de discriminação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

